

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## TEXO PROVISÓRIO

### As joias da Coroa: literatura e política no folhetim da *Gazeta de Notícias* (RJ)

Na edição de 19 de março de 1882, os leitores da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro foram surpreendidos com uma coluna no editorial da folha intitulada “Roubo no Paço de S. Cristóvão”. A publicação informava que ladrões haviam entrado na residência oficial do Imperador e subtraído uma enorme quantidade de joias pertencentes à família imperial. Nas edições seguintes o jornal tratou de noticiar os desdobramentos das diligências policiais. Passados alguns dias, alguns criados e um ex-funcionário do palácio foram presos, suspeitos de serem os autores do roubo. Um deles, Manuel de Paiva, resolveu confessar o crime e, da prisão, encaminhou uma carta à polícia informando o local onde as joias poderiam ser encontradas. Não se sabe exatamente por qual motivo, mas o Chefe de Polícia, para checar a informação, disfarçou-se com um casacão e barbas postiças e, juntamente com um ajudante, também disfarçado, passaram na casa de detenção, retiraram de lá o seu informante e localizaram todas as joias enterradas no quintal de sua casa. Em seguida, todos os suspeitos foram colocados em liberdade, para estarecimento do público. A *Gazeta de Notícias* que até então vinha apenas noticiando o caso, passou a tecer duras críticas às autoridades policiais e do judiciário sem, no entanto, fazer qualquer menção aos membros da família imperial. Porém, a partir do dia 30 de março de 1882, o jornal começou a publicar em seu folhetim um romance intitulado *As joias da Coroa*, escrito por Raul Pompeia. O romance era uma paródia do próprio caso do roubo que vinha sendo noticiado no jornal, no entanto, diferentemente do que se observou nas colunas do noticiário, atribuía ao Imperador a responsabilidade pelo estranho desfecho do crime, pelos negócios espúrios que este teria com seu ex-funcionário, principalmente em seus relacionamentos extraconjugais. O que se observa é que, no caso em destaque, a *Gazeta de Notícias*, acabou atribuindo à literatura de rodapé a função de tecer as mais duras críticas ao Imperador e à monarquia como um todo, contrastando com as publicações do noticiário. Entende-se que a literatura cumpria uma função específica no contexto geral da folha, a qual não era voltada apenas para o divertimento, mas também para tratar das questões políticas graves. É, pois, do papel desempenhado pela literatura neste caso que se ocupará esta apresentação.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**TEXO PROVISÓRIO**